

Índice

1. ... E a Inglesa de Olhos Azuis	7
2. Investigações	23
3. O Beijo nas Trevas	33
4. Assalto a Vila B...	49
5. O Terra-Nova	61
6. Entre as Folhagens	73
7. Uma das Bocas do Inferno	91
8. Manobras e Dispositivos de Batalha	103
9. Irmã Anne, não Vês Aparecer Nada?	117
10. Palavras Que Valem por Actos	135
11. Sangue...	149
12. A Água Que Sobe	165
13. Nas Trevas	181
14. A Fonte de Juventude	193

... E a Inglesa de Olhos Azuis

Raoul de Limézy deambulava pelos *boulevards*, alegremente, como homem feliz a quem basta, para gozar a vida, admirar os espectáculos encantadores e a despreocupada animação que Paris oferece em certos dias luminosos de Abril. De estatura média, tinha um perfil ao mesmo tempo franzino e vigoroso. No sítio dos bíceps, as mangas do casaco distendiam-se e o tórax tornava-se convexo acima da cintura fina e flexível. O corte e o tom do fato revelavam o homem que dá importância à escolha dos tecidos.

Ora, ao passar em frente do Ginásio, teve a impressão de que um sujeito, que caminhava a seu lado, seguia uma dama, impressão cuja justeza pôde imediatamente confirmar.

Nada parecia a Raoul mais cómico e divertido do que um cavalheiro que segue uma dama. Por conseguinte, foi atrás do sujeito perseguidor e os três, uns após os outros, a distâncias convenientes, vaguearam ao longo dos *boulevards* barulhentos.

Era necessária toda a experiência do barão de Limézy para adivinhar que o cavalheiro seguia aquela dama, pois ele mantinha tal discrição que ela não suspeitava de nada. Raoul de Limézy foi igualmente discreto e, misturando-se com os transeuntes, estugou o passo de molde a conseguir uma visão exacta dos dois personagens.

Visto de costas, o sujeito distinguia-se por um risco impecável, que lhe dividia os cabelos negros e brilhantizados, e pelo fato, igualmente impecável, que lhe valorizava uns ombros largos e uma ele-

vada estatura. Visto de frente, apresentava um rosto honesto, com uma barba bem tratada e uma pele fresca e rosada. Talvez trinta anos. Andar decidido. Autoridade nos gestos. Vulgaridade no aspecto. Anéis nos dedos. Fumava um cigarro por uma boquilha de ouro.

Raoul apressou-se. A dama, alta, resoluta, de porte nobre, pousava com desembaraço no passeio os seus pés de inglesa, resgatados por umas pernas graciosas e uns tornozelos delicados. O rosto de grande beleza era iluminado por admiráveis olhos azuis e por uma massa pesada de cabelos louros. Os transeuntes paravam e voltavam-se. Ela parecia indiferente a esta homenagem espontânea da multidão.

«Apre!», pensou Raoul, «que aristocrata! Não merece o peralvilho que a segue. Que quer ele? Marido ciumento? Pretendente desiludido? Ou antes, bonito à cata de aventura? Sim, deve ser isso. O cavalheiro tem mesmo cara de ricalhaço que se julga irresistível.»

A dama atravessou a Praça da Ópera, sem se preocupar com os veículos que a inundavam. Uma carroça quis barrar-lhe a passagem: calmamente, pegou nas rédeas do cavalo e fê-lo parar. Furioso, o condutor saltou do assento e aproximou-se o mais possível para a injuriar; ela aplicou-lhe um pequeno golpe no nariz que lhe fez saltar o sangue. Um agente da polícia exigiu explicações: a dama virou-lhe as costas e afastou-se pacificamente.

Na Rua Auber, desapertou dois garotos que brigavam e fê-los ir parar a dez passos de distância. Depois jogou-lhes duas moedas de ouro.

No *Boulevard* Haussmann entrou numa pastelaria e Raoul viu de longe a dama sentar-se a uma mesa. Como o sujeito que a seguia não entrou, ele entrou no estabelecimento e procurou um lugar de modo que ela não desse pela sua presença.

A dama pediu chá e quatro torradas, que devorou com os seus dentes magníficos.

Os vizinhos admiravam-na. Ela permanecia imperturbável e pediu mais quatro torradas.

Porém, sentada a uma outra mesa, um pouco mais afastada, uma jovem atraía também a curiosidade. Loura como a inglesa, com cabelos ondulados, menos ricamente vestida, mas com um gosto mais refinado de parisiense, estava rodeada por três crianças pobremente

vestidas, a quem distribuía bolos e refrescos de groselha. Havia-os encontrado à porta e mimoseava-os pela alegria evidente de ver os seus olhos luzirem de prazer e as faces lambuzarem-se de creme. Eles nem sequer falavam e empanturravam-se quanto podiam. Mas, mais criança que eles, a jovem divertia-se infinitamente, e conversava por todos: «O que é que se diz à menina?... Mais alto... Não ouvi... Não, não sou uma senhora... Devem dizer-me: obrigado, menina...»

Raoul de Limézy sentiu-se logo conquistado por duas coisas: a alegria feliz e natural do seu rosto e a sedução profunda de dois grandes olhos verdes cor de jade, estriados de ouro, e dos quais não se conseguia afastar o olhar uma vez neles fixado.

Semelhantes olhos são em regra estranhos, melancólicos ou pensativos, e era talvez a expressão habitual daqueles. Porém, naquele instante, não ofereciam o mesmo fulgor intenso que o resto do rosto, que a boca maliciosa, que as narinas frementes e as faces de covinhas risonhas.

— Alegrias extremas ou dores excessivas, não há meio-termo para tais criaturas — disse para si Raoul, que sentiu o desejo repentino de influir sobre essas alegrias ou de combater essas dores.

Voltou-se para a inglesa. Era, na verdade, bela, de uma beleza soberba, feita de equilíbrio, de proporção e de serenidade. Mas a rapariga dos olhos verdes, como a denominou, fascinava-o muito mais. Se admirávamos uma, desejaríamos conhecer a outra e penetrar no segredo da sua existência.

Contudo, hesitou quando ela pagou a conta e se foi embora com os três rapazes. Deveria segui-la? Deveria ficar? O que é que o impelia? Os olhos verdes? Os olhos azuis?

Levantou-se precipitadamente, lançou o dinheiro para cima do balcão e saiu. Os olhos verdes atraíam-no.

No entanto, um espectáculo imprevisto surpreendeu-o: a rapariga dos olhos verdes conversava, no passeio, com o figurão que, meia hora antes, seguia a inglesa, como amoroso tímido ou ciumento. Conversa animada, febril de parte a parte, e que bem se assemelhava a uma discussão. Era visível que a jovem pretendia passar e que o bonitão a impedia, e que Raoul esteve prestes, contra todas as conveniências, a intervir.

Mas também não teve tempo de o fazer. Parou um táxi em frente da pastelaria. Desceu um cavalheiro que, vendo a cena do passeio, acorreu, levantou a bengala e, com uma pancada, fez saltar o chapéu do bonitão abrilhantinado.

Este, estupefacto, recuou, depois precipitou-se, sem se incomodar com as pessoas que se aglomeravam.

— Mas o senhor é doido! O senhor é doido! — exclamou ele.

O recém-chegado, que era mais baixo e mais idoso, pôs-se na defensiva, e, de bengala erguida, gritou:

— Já o proibi de falar a esta rapariga. Sou o pai dela, e o senhor não passa de um miserável, sim, um miserável!

Num e noutro havia como que um frémito de ódio. Perante a injúria, o bonitão recuou, prestes a atirar-se ao recém-chegado, a quem a jovem segurava pelo braço e tentava arrastar para o táxi. Ele conseguiu separá-los e tirar a bengala ao cavalheiro quando, de repente, se encontrou frente a frente com um rosto que surgia entre o seu adversário e ele — um rosto desconhecido, bizarro, cujo olho direito piscava nervosamente, e cuja boca, deformada por um esgar de ironia, segurava um cigarro.

Era Raoul que assim se apresentava e que, numa voz rouca, articulou:

— Dê-me lume, por favor.

Pedido verdadeiramente inoportuno. Que desejaria, pois, aquele intruso? O brilhantinado refilou.

— Deixe-me em paz! Não tenho lume.

— Tem sim. Ainda há momentos estava a fumar — afirmou o intruso.

O outro, fora de si, tentou afastá-lo. Não o conseguindo, e não podendo sequer mexer os braços, baixou a cabeça para observar o obstáculo que o estorvava. Pareceu ficar confuso. As duas mãos do cavalheiro apertavam-lhe os pulsos de tal forma que lhe era impossível o menor movimento. Um torno de ferro não o paralisaria mais. E o intruso não cessava de repetir, num tom pertinaz, obsidiante:

— Lume, por favor. É indelicadeza da sua parte recusar-me um pouco de lume.

Em redor, as pessoas riam. Exasperado, o bonitão proferiu:

— Deixa-me em paz ou não? Já lhe disse que não tenho.

O cavalheiro abanou a cabeça com um ar melancólico.

— O senhor é bastante indelicado. Nunca se recusa lume a quem o pede com tal cortesia. Mas já que demonstra tamanha má vontade em me ser agradável...

Depois... largou-o. Este, vendo-se em liberdade, apressou-se, mas já o automóvel partia, levando o seu agressor e a rapariga dos olhos verdes. E facilmente se concluía que o esforço do janota seria inútil.

— Sim senhor, que bela paga — disse Raoul para consigo. — Fiz de D. Quixote em favor de uma bela desconhecida de olhos verdes e ela esquiva-se, sem me dar o nome e a morada. Impossível encontrá-la. Que hei-de fazer?

Então, decidiu voltar-se para a inglesa, que justamente, após ter assistido sem dúvida ao escândalo se afastava. Ele seguiu-a.

Raoul de Limézy encontrava-se num desses momentos em que a vida se encontra, de certo modo, suspensa entre o passado e o futuro. Um passado, para ele, pleno de acontecimentos. Um futuro que se anunciava semelhante. No meio, nada. E, neste caso, quando se tem trinta e quatro anos, é a mulher que se nos afigura ter entre as mãos a chave do nosso destino. Já que os olhos verdes se eclipsaram, regularia a sua marcha incerta pela claridade dos olhos azuis.

Ora, quase no mesmo instante, fingindo tomar outro caminho e voltando atrás, apercebeu-se de que o bonitão de cabelos brilhantizados voltara de novo à caça — repellido de um lado, lançava-se, como ele, para o outro. E os três recomeçaram a deambular sem que a inglesa pudesse aperceber-se do movimento dos seus pretendentes.

Ao longo dos passeios cheios de gente, ela passava, sempre atenta às montras e indiferente às homenagens que ia recolhendo. Assim, alcançou a Praça da Madeleine, e pela Rua Royale atingiu o *Faubourg* Saint-Honoré até ao grande hotel Concórdia.

O bonitão fez alto, depois caminhou de um lado para outro, comprou um maço de cigarros, a seguir entrou no hotel onde Raoul o viu a falar com o porteiro. Três minutos depois, ia-se embora, e Raoul dispunha-se igualmente a interrogar o porteiro acerca da jovem inglesa de olhos azuis, quando esta atravessou o vestíbulo e entrou num automóvel para o qual haviam trazido uma maleta. Iria viajar?

— Chofer, siga aquele automóvel — disse Raoul, que chamara um táxi.

A inglesa fez compras. Às oito horas, descia em frente da estação de Paris-Lião e instalava-se no restaurante onde encomendou uma refeição.

Raoul sentou-se um pouco afastado.

Terminado o jantar, ela fumou dois cigarros, depois, cerca das 9.30 horas, dirigiu-se ao balcão da Agência Cook onde o empregado lhe entregou o bilhete e a senha das bagagens. Em seguida, dirigiu-se para o rápido das 9.46 horas.

— Cinquenta francos — ofereceu Raoul ao empregado — se me disser o nome daquela dama.

— *Lady Bakefield*.

— Para onde vai?

— Para Monte Carlo, cavalheiro. Encontra-se na carruagem número cinco.

Raoul reflectiu, depois decidiu-se. Aqueles olhos azuis valiam a viagem. E, no fundo, fora em consequência dos olhos azuis que ele conhecera os olhos verdes e poderia, talvez, por intermédio da inglesa, voltar a encontrar o bonitão, e por ele chegar aos olhos verdes.

Foi comprar uma passagem para Monte Carlo e apressou-se para a plataforma.

Avistou a inglesa nos degraus de uma das carruagens, esgueirou-se por entre as pessoas e voltou a vê-la, através das janelas, em pé, despindo o casaco.

Havia muito pouca gente. Isto passava-se alguns anos antes da guerra, no fim de Abril, e aquele rápido, bastante incómodo, sem vagões-cama nem restaurante, apenas levava para o Midi alguns raros viajantes de primeira classe. Raoul só contou dois homens, que ocupavam o compartimento situado à frente daquela mesma carruagem número cinco.

Passeou pelo cais, bastante longe do comboio, alugou duas almofadas, abasteceu-se na livraria ambulante de jornais e de revistas, e, ao som do apito, subiu os degraus de um salto e entrou no terceiro compartimento, como alguém que chega no último minuto.